

A TIRANIA CIPSÉLIDA E A PROMOÇÃO DE CULTOS POPULARES EM CORINTO ARCAICA

Mariana Figueiredo Virgolino¹

Resumo: Em meados do século VII a.C a *pólis* de Corinto vê o regime aristocrático controlado pelo *génos* Baquiade dar lugar à tirania de Cipselos e, após essa, a de seu filho, Periandros. Durante a permanência dos Cipsélidas no poder Corinto passou por diversas transformações: obras públicas foram estimuladas e o panteão da *pólis* foi modificado. Neste artigo abordaremos as mudanças realizadas pela tirania na religião coríntia, especialmente com a promoção de cultos de apelo aos menos abastados, como o de Deméter e Koré e Dionisos.

Palavras-chave: Tirania, Religião, Santuários, Corinto.

Abstract: By the middle of the 7th century BC the *polis* of Corinth saw the aristocratic regime controlled by the Bacchiadae *génos* give place to the tyranny of Cypselos and, after that, the one of his son, Periandros. During the length of the Cypselids' power Corinth suffered miscellaneous transformations: public buildings were stimulated and the polis' pantheon was modified. In this article we will deal about the changes made by the tyranny in the Corinthian religion, especially the promotion of cults that had appeal among the poorer, like the ones of Demeter and Kore and Dyonisos.

Keywords: Tyranny, Religion, Sanctuaries, Corinth.

Entendemos a religião como uma manifestação da cultura que dá sentido e coerência ao mundo, pois permite a construção de um ordenamento, eliminando a inquietação causada pela falta de explicação dos fenômenos naturais e sociais, dando conta das idiossincrasias da existência humana. Segundo John Gould, a religião grega permitia aos helenos representar e interpretar os acontecimentos do mundo externo e do próprio homem, sendo um sistema de respostas para os aspectos da experiência humana que ameaçavam subverter o senso de uma ordem inteligível nos termos em que o homem vivia. Ela oferecia para seus seguidores tanto uma estrutura de explicação para o cotidiano quanto respostas para tudo que fosse imprevisível, estranho e que pudesse ser

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Mestre, Bacharel e Licenciada em História pela mesma instituição. Bacharel em Direito pela Universidade Estácio de Sá. Este artigo retoma algumas ideias apresentadas em nossa dissertação de mestrado, *Fertilidade e Prosperidade na Ástý de Corinto: O Santuário de Deméter e Koré nos Períodos Arcaico e Clássico*, defendida em 2013 sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima.

uma ameaça à noção de ordem (GOULD, 1986, p.5). Por intermédio das festividades religiosas a unidade entre povoadamentos de uma região é construída, há o reconhecimento da solidariedade local (GERNET & BOULANGER, 1970, p.39).

Jean-Pierre Vernant nos diz que a religião grega era uma “religião da tradição”: segui-la faz parte do “ser grego”, eis porque é chamada de “religião cívica”. As narrativas mitológicas, aprendidas ainda na infância, contribuem para a forma como os helenos concebiam o divino. Em seu entendimento, na religião grega não se participava dos cultos por motivos puramente pessoais, mas se exercia nesses o papel que lhe fora atribuído pela *pólis*, podendo esse ser de magistrado, parte integrante de uma família, frátria ou *dêmos*, consagrando a ordem coletiva e os segmentos que a construíam (VERNANT, 2006, p.8). Ao contrário das religiões reveladas, não se estabelecia com as divindades helênicas uma relação pessoal, pois, como potências, seu culto se dá por estarem num estatuto superior ao dos humanos. E, como potências, representam a plenitude dos valores que eram importantes para a sociedade grega, tais como a força, a beleza, a juventude e a renovação (VERNANT, 2006, p.9).

A religiosidade grega, no entendimento de Vernant e também no de Walter Burkert², é tratada como uma totalidade coesa. Homero e Hesíodo tiveram papel crucial na elaboração e difusão de noções comuns sobre a religiosidade e a cultura grega, mas a individualidade de cada *pólis* não nos permite ter a noção de uma versão religiosa preponderante e sim de um conjunto de variantes locais em pé de igualdade umas com as outras e também com as versões contidas na poesia oral. A religião grega era algo aberto à experimentação e exposto à influência de outras culturas. Os arranjos nos panteões das *póleis* nos auxiliam a perscrutar os valores e a identidade de uma cidade. Toda *pólis* era um sistema religioso em si mesmo, interagindo com os sistemas religiosos de outras localidades e com uma dimensão pan-helênica. Como informa Robert Parker, os nomes das divindades são os mesmos, mas as funções, combinações e destaques dados aos deuses diferem de acordo com o lugar (PARKER, 2007, p.2). Assim, a análise nas mudanças ocorridas no arranjo religioso de Corinto durante a vigência da tirania nos auxilia a entender os projetos políticos dos Cipséidas para essa cidade, principalmente no que tange à promoção de uma identidade religiosa coadunada com os valores dos camponeses, em detrimento de cultos que eram caros à aristocracia.

² BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1993.

O *gênos* dos Baquíades, de origem dória, governou Corinto durante os séculos VIII e VII a.C. Inicialmente uma monarquia, em 747 a.C os membros da aristocracia depõem o rei e dividem o poder entre si (SALMON, 1997, p.56), governando como uma oligarquia. Uma série de embates com diversos grupos diferentes (a guerra contra a Cócira, os conflitos com os megarenses, as tensões entre aristocratas e comerciantes) levaram ao desgaste do prestígio baquíade, proporcionando a Cipselos um momento oportuno para a tomada do poder. J.B Salmon entende que a exclusividade do “clã”, que isolava politicamente outras famílias aristocráticas e/ou grupos economicamente expressivos, provocou o descontentamento de outros segmentos da *pólis*. Cipselos teria agido como um demagogo, contando com a simpatia do *dêmos*, que estaria descontente com o *gênos* Baquíade, e com o apoio dos *hóplitai* (SALMON, 1997, P.189-192).

Neste sentido, nos apoiamos na Teoria das Interações Rituais elaborada por Randall Collins, que se inspirou em Durkheim e Erving Goffman para seus escritos em microsociologia, afirmando que o cotidiano das pessoas está repleto de *interações sociais* que se constituem em *rituais*. Esses podem ou não ser religiosos. Essas *interações rituais* são mecanismos de emoção e atenção mutuamente focadas, que produzem uma realidade compartilhada. Nessas ocasiões os atores sociais envolvidos na interação experimentam uma *efervescência emocional* que gera solidariedade e *símbolos* de pertencimento ao grupo (COLLINS, 2004, p.7). Os *rituais, nesta visão*, são mecanismos de solução e de criação de contradições sociais e de identidade. A *interação* face-a-face entre as pessoas, o mútuo foco de atenção entre esses atores e o estado de espírito da experiência social que eles compartilham fazem um *ritual*. Nessas interações os atores desenvolvem uma situação socialmente construída e as emoções que partilham naquele momento fazem com que consigam identificarem-se a si mesmos. As pessoas em uma *interação social* tornam-se entranhadas com emoções que levam a dividir solidariedade entre elas. O pertencimento ao grupo dá ao indivíduo tanto uma identidade particular quanto a coletiva.

Para a microsociologia, o *ritual* é uma porta, algo que permite acessar estruturas maiores da sociedade. Ele não é estático. Conexões sociais novas podem ser criadas ao estender práticas rituais a novos participantes. As ações dos tiranos cipsélicas modificaram as interações sociais entre os habitantes de Corinto, pois transformaram o espaço físico introduzindo novos monumentos, alteraram a organização das instituições políticas e do panteão da *pólis*. Provocaram ainda uma mudança nas *interações sociais*

(*rituais*) cotidianas, religiosas ou não, com o objetivo de produzir sentimentos de solidariedade e pertencimento de grupo, de minimizar os conflitos entre os diferentes grupos póliades. Em nosso entender, ao promover novos cultos em detrimento dos tradicionalmente relacionados à aristocracia os tiranos criaram *interações rituais* que possibilitaram o desenvolvimento do sentimento de pertencimento social às camadas que antes estavam apartadas das decisões políticas da cidade.

Durante o governo de Cipselos Corinto foi fortificada e viu serem erigidos e embelezados diversos templos a fim de dar destaque à sua gestão e eclipsar as de seus antecessores. Seu filho e sucessor, Periandros, deu continuidade à política de obras públicas e à promoção de cultos de apelo popular. Tanto os Baquíades quanto os Cipséidas fizeram largo uso dos elementos religiosos para legitimar e sustentar seu poderio político. Durante os séculos VIII e VII a.C os deuses contemplados pelos Baquíades eram ligados ao mundo agrário e a fertilidade, em suma, cultos solares e relacionados com o espaço rural (*chôra*). A tirania não cerceou esses cultos, apesar de terem beneficiado outros, como o de Afrodite. Comentaremos a seguir os cultos de maior destaque durante a permanência dos Baquíades à frente do poder em Corinto: Héra, Poseidon, Apolo e Athená. Tais deuses representavam os valores da elite na *pólis* coríntia.

A identidade aristocrática do panteão e da cultura coríntia durante o governo Baquíade é especialmente identificada pelo culto a Héra, divindade dórica por excelência. O santuário de Perachora, construído no século VIII a.C, com suas salas de banquete (*hestiatória*) pequenas, caracteriza a refeição comunal ali praticada como algo reservado à elite, aos sacerdotes e estrangeiros importantes, ou seja, os *aristói* (TOMLINSON, 1994, p. 98-100) .

Os cultos localizados na *agorá* são aqueles de divindades que presidem instituições da *pólis*. Ali estavam situados espaços sagrados para Apolo, Athená, Afrodite e talvez Dionisos durante o Período Baquíade e posteriormente foram acrescentados os de Ártemis, Zeus e Afrodite. Quanto a Apolo, o *gênos* Baquíade possuía ligações com o clero delfico e o deus era a principal figura religiosa do centro político da *pólis* coríntia. O santuário em Temple Hill era a ele dedicado (PAUSÂNIAS, *Descrição da Grécia*, 2.3.6-2.4.5; BOOKIDIS, 2003, p.248-249) sua posição privilegiada na *agorá* marca seu destaque dentro do panteão coríntio. Apolo também possui características aristocráticas: seu domínio sobre a música, arqueria (simbolizando

sua vertente guerreira) e a poesia representam atividades de lazer, que podiam ser gozadas por aqueles que não necessitavam se dedicar ao trabalho diário. As representações do deus, um jovem de porte atlético, corroboram esta visão. O mito no qual a divindade derrota a serpente *python*, que espalhava o caos em Delfos é também uma amostra de seu caráter civilizador, característica que no panteão coríntio é compartilhada com Athená e Héra. O pastoreio também foi uma atividade que Apolo exerceu nos mitos e representa a civilização e o aspecto nutridor.

Athená Helótis, segundo Píndaro, possuía uma festa em Corinto, a *Lampadodromía* ou *Lampadedromía*, na qual havia competições para os jovens (PÍNDARO, *Olímpicas*, XIII, v.40-41). Essa representação da divindade está relacionada aos mitos da conquista dória. Na supracitada *pólis* ela era associada ao herói Belerofonte e ao cavalo Pégaso. Na época baquíade os cultos de Poseidon e Athená cultos possuíam fortes ligações ao simbolismo do cavalo, associado à aristocracia. Ao fazer uso de Pégasos para derrotar a quimera, esse herói é a figura do civilizador, tendo proeminência nos mitos coríntios. Na cerâmica protocoríntia dos séculos VII e VI a.C há representações da morte da quimera por Belerofonte (WILL, 1955, p.153) e da derrota da hidra de Lerna por Hércules. Athená auxilia os heróis a matarem os monstros: fornece *pharmakós* e um carro com cavalos ao último e o cavalo Pégaso ao primeiro, confirmando o papel inicial da deusa na *pólis* coríntia: uma divindade associada aos equinos, aos valores aristocráticos e à soberania. Durante a tirania Cipsélida, ela foi celebrada como um agente de civilização, ligada às obras públicas promovidas na cidade. Durante a época Baquíade, Pégaso era símbolo da aristocracia guerreira, possuidora de terras e cavalos. De fato, ao longo do século VII a.C há um declínio em sua representação na cerâmica coríntia, que volta a tê-lo estampado nas moedas da *pólis* após a queda da tirania e o estabelecimento do regime oligárquico (SALMON, 1997, p.172).

Poseidon desde os tempos micênicos também era um deus ligado aos cavalos, qualidade que manterá em Corinto, onde era uma das principais divindades, presidindo sobre o Istmo. Os cavalos representavam os ventos, as potências infernais, as águas correntes e a fecundidade, estando associados às esferas marítima, celeste e ctônica ao mesmo tempo. Em Corinto, além do epíteto *Hípios*, Poseidon também fora adorado sob o de *Damios*, com o qual aparece como um mestre guerreiro (DUBBINI, 2011, p.155-

156), associado ao carro, um dos elementos presentes nos Jogos Ístmicos e nas disputas da aristocracia, conforme a *Iliada* e a *Odisséia* dão testemunho.

Temos então que os cavalos e as divindades a eles associadas recebiam destaque no panteão coríntio sob o regime Baquíade. Sabe-se que na visão grega o cavalo é um símbolo aristocrático: é um animal de porte altivo, de alto custo aquisitivo e necessário para a atividade guerreira. Na *Iliada*, Tróia é tida como criadora de excelentes cavalos e, portanto, rica. Vários personagens são chamados de “domadores de cavalos”, especialmente Heitor, demonstrando sua posição social privilegiada.

Os atributos aristocráticos serão refreados na religião coríntia sob a governança dos Cipsélidas. Embora não haja um total rompimento com a configuração anterior, deuses associados às atividades comerciais, como Afrodite, a principal divindade cívica em Corinto até o domínio romano. Todavia, no que diz respeito ao universo agrícola, vemos a valorização de Dionisos, Deméter e Koré, que passaremos a tratar em seguida.

Ao longo da tirania Cipsélida Dionisos gozou de importante posição no culto coríntio. Essa divindade de caráter bastante popular parece ter sido privilegiada pelas tiranias em geral. O poeta Árion, acolhido por Periandros, teria introduzido o ditirambo na cidade (HERÓDOTO, *Histórias*, I, 23-24) e Psístrato instituiu as Grandes Dionisias em Atenas. Todavia, o culto dionisíaco em Corinto não foi uma novidade dos Cipsélidas: Baquis, rei que deu nome à dinastia Baquíade, era tido como filho de Dionisos. Mas, aparentemente, ele não fora um deus de muita relevância para os aristocratas (TRALBUSI, 2004, p.80). Em Sicione a tirania possuía forte caráter antidório e Dionisos foi alçado à principal divindade, tendo lugar destacado no centro político daquela cidade. Édouard Will afirma que, ao mesmo tempo em que os tiranos favoreciam esse culto de caráter libertário, democrático, sem regras sacerdotais e facilmente gerador de problemas sociais a fim de agradar a população, o canalizavam e regulavam, enquadrando-o dentro dos limites aceitos pela *pólis* (WILL, 1955, p.218-219). Apesar de podermos traçar possíveis laços com a dinastia Baquíade, Dionisos possuía o caráter agregador e “democrático” necessário para promover o aplainamento religioso que resvalaria na queda de influência da aristocracia, seja através dos elementos religiosos, que interessam a este trabalho, seja por meio da inclusão no grupo de guerreiros pela prática do *symposion*. Nossa interpretação se coaduna com a de José Antônio D. Tralbusi acerca da pouca relevância dada a Dionisos nos poemas homéricos: também Deméter é colocada na *Iliada* e na *Odisseia* como deidade de segundo escalão,

que não tem espaço nas manifestações da cultura aristocrática. Isso não significa dizer que a elite não honrava a deusa, mas sim explicitar que, em um grupo social que valoriza a guerra como atividade aristocrática, divindades agrícolas terão pouco espaço na construção e evidência de sua identidade, enquanto aquelas que representam soberania e belicosidade ganham destaque, como era o caso de Poseidon, que recebia oferendas de caráter militar em seu santuário no Istmo (GEBHARD, 2005, p.168).

O santuário de Deméter e Koré em Acrocorinto (a acrópole da cidade) se configurou em um primeiro momento como lugar de atividade religiosa perpetrada pela aristocracia, conforme nos leva a crer as primeiras oferendas votivas em bronze datadas dos séculos VIII e VII a.C (BOOKIDIS & STROUD, 1987, p.13-17). Os objetos votivos que ali eram depositados ligavam-se ao casamento, ao lar e suas atividades, bem como à maternidade e à fertilidade (VIRGOLINO, 2013, p.213). Todavia, em razão da política de equalização social empreendida pelos Cipsélidas, o local logo passa a apresentar características populares, conforme demonstra o padrão da cerâmica da maioria dos objetos votivos, que eram majoritariamente de fabricação local. Havia ainda culto às duas deusas no Istmo (ANDERSON-STOJANOVIC, 2002, p.75-77), junto ao santuário de Poseidon, provavelmente com ênfase nos atributos de fertilidade dessas divindades.

O templo de Afrodite em Acrocorinto foi a construção religiosa que mais gozou de popularidade em Corinto. Sendo a protetora dos marinheiros e artesãos, esse culto foi utilizado pelos Cipsélidas para demonstrar sua ascensão ao poder e suas intenções para a cidade, colocando esses grupos importantes para o desenvolvimento econômico da cidade em evidência, além de promover a *xénia* aos estrangeiros (LIMA, 2010, p. 41-74, 84-85). C.K. Williams II crê que o culto de Afrodite em Corinto possa ter conexão com as habilidades marítimas dos fenícios, como um meio de explicitar que os coríntios eram navegadores e comerciantes da mesma envergadura que os adoradores de Astarte (WILLIAMS II, 1986, p.19). Essa deusa apresentava características militares, astrais, sensuais e marinhas: as mesmas que os coríntios procuraram valorizar com o culto de Afrodite Urânia. Assim, seguindo Marcel Detienne³, podemos elaborar um quadro

³ Detienne relata que se baseou em dois princípios estabelecidos por Georges Dumézil: I) Para definir um poder divino, é necessário rever toda a série de posições ocupadas por essa divindade no sistema politeísta

comparativo das divindades⁴ cujo culto foi incentivado pelos grupos dominantes na *pólis* dos coríntios durante os Períodos Arcaico e Clássico.

	Período Baquíade	Período Cipsélida	Período Oligárquico
Divindades	-Héra, Poseidon, Hélios, Apolo, Athená, Dionisos, Deméter e Koré, Afrodite.	-Afrodite, Poseidon, Héra, Apolo, Deméter e Koré, Dionisos, Zeus, Athená, Ártemis.	-Afrodite, Poseidon, Héra, Apolo, Athená, Ártemis, Asclépio, Deméter e Koré, Dionisos, Zeus.
Espaços	- Istmo: Poseidon; - Perachora: Héra; - Acrocorinto: Hélios, Afrodite, Deméter e Koré - Agorá: Apolo, Athená, Afrodite. - (?): Dionisos	- Istmo: Poseidon, Deméter, Koré, Dionisos e Ártemis. - Perachora: Héra; - Acrocorinto: Deméter e Koré, Dionisos e Afrodite; - Agorá: Apolo, Zeus, Athená, Ártemis, Afrodite, Dionisos; - Muralha: Apolo e Asclépio	- Istmo: Poseidon, Deméter, Koré, Dionisos e Ártemis. - Perachora: Héra; - Acrocorinto: Deméter e Koré, Dionisos e Afrodite; - Agorá: Apolo, Zeus, Athená, Ártemis, Afrodite, Dionisos; - Muralha: Asclépio

Com esse panorama percebemos que não houve uma cisão com os cultos que estavam ligados aos Baquíades quando ocorre a ascensão da tirania Cipsélida, mas sim uma transição que privilegiou deuses que tinham características com as quais os novos grupos importantes para a *pólis* poderiam se identificar, como Afrodite, associada à

como um todo; II) Em seguida, convém partir de agrupamentos habituais e de associações cultuais ou míticas entre dois os mais poderes divinos para explorar a natureza de suas respectivas relações, dentro dos contextos o mais explícitos, e progressivamente dentro de outros menos visíveis e menos comuns. O quadro a seguir tem por fim esclarecer o panorama do politeísmo coríntio de acordo com as épocas abordadas. Cf. DETIENNE, *Comparar o Incomparável*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004, p.89.

⁴ Tal quadro e a exposição dos cultos dos deuses que não estão expostos neste artigo estão presentes na dissertação de mestrado defendida no PPGH-UFF. Cf. VIRGOLINO, Mariana F. *Fertilidade e Prosperidade na Ástya de Corinto: O Santuário de Deméter e Koré nos Períodos Arcaico e Clássico*. 2013. 251 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2013, p.58-59.

esfera marítima e atividades mercantis e Deméter, Koré e Dionisos, integrando os estratos mais humildes à participação poliade.

BIBLIOGRAFIA

HERODOTUS. *The Persian Wars*. Volumes I-IV. Trad. A.D. Godleys. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Trad. W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A., in 4 Volumes. Cambridge: Harvard University Press, 1918.

PINDAR. *Olympian Odes; Pythian Odes*. Trad. W.H. Race. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

BOOKIDIS, N. & STROUD, R.S. *Corinth, Volume XVIII, part III: The Sanctuary of Demeter and Kore – Topography and Architecture*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1987.

ANDERSON-STOJANOVIC, Virginia R. “The Cult of Demeter and Kore at the Isthmus of Corinth” In: HÄGG, Robin (ed.). *Peloponnesian Sanctuaries and Cults: Proceedings of the Ninth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June 1994 (Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae, 4)*. Stockholm: Paul Forlag Astroms, 2002.

BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1993.

COLLINS, Randall. *Interaction Ritual Chains*. Princeton: Princeton University Press, 2004.

DETIENNE, *Comparar o Incomparável*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

DUBBINI, Rachele. *Dei Nello Spazio Degli Uomini: I culti dell’agora e la costruzione di Corinto arcaica*. Roma: L’Erma di Bretschneider, 2011.

GEBHARD, E. “The Evolution of a Pan-Hellenic Sanctuary: From Archaeology towards History at Isthmia” In: MARINATOS, N. & HÄGG, R. *Greek Sanctuaries: New Approaches*. London: Routledge, 2005.

GERNET, Louis & BOULANGER, André. *Le Génie Grec dans la Religion*. Paris: Albin Michel, 1970.

GOULD, John. “On making sense of Greek religion”. In: EASTERLING, P.E & MUIR, J.V. *Greek Religion and Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

LIMA, Alexandre Carneiro C. *Rito e Festas em Corinto Arcaica*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

PARKER, Robert. *Polytheism and Society at Athens*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SALMON, J.B. *Wealthy Corinth: A History of the City to 338 B.C.* Oxford: Claredon Press, 1997 (1984).

TOMLINSON, R. A. “The Perachora Hestiatorion” In: MURRAY, Oswyn. *Sympotica: A Symposium on the Symposion*. Oxford: Claredon Press, 1994 (1990).

TRABULSI, José Antonio Dabdab. *Dionisismo, Poder e Sociedade*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

VERNANT, J. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VIRGOLINO, Mariana F. *Fertilidade e Prosperidade na Ástya de Corinto: O Santuário de Deméter e Koré nos Períodos Arcaico e Clássico*. 2013. 251 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2013.

WILL, Édouard. *Korinthiaka: Recherches sur l’Histoire de la Civilization de Corinthe des Origines aux Guerres Médiques*. Paris: E. de Boccard, 1955.

WILLIAMS II, C.K. “Corinth and the Cult of Aphrodite”. In: DEL CHIARO, Mario. *Corinthiaca: Studies in Honor of Darrel A. Amyx*. Columbia: University of Missouri Press, 1986.